

## Ocupar a clínica com o desejo: ampliações, implicações e imaginações possíveis

FÁBIO HENRIQUE MARTINS DA SILVA \*

**Resumo:** A partir dos pensamentos, afetos, narrativas abraçadeiras, este capítulo dedica-se a ampliar modos clínicos contemporâneos embasados pela disciplina "Elementos para uma micropolítica Decolonial em Psicologia", cursada no outono de 2018. Ao ocupar a clínica com o desejo, permitimo-nos narrar e per-formar-com os devires das psicologias contemporâneas numa implicação afetiva com o professor e com a turma, da qual criamos esta escrita; pautada na implicação política entre os deslocamentos privilegiados da academia e as afirmações que ampliam a clínica da(o)s insurgentes e inapropriada(o)s.

**Palavras chave:** Psicologia; Clínica; Ocupação.

**Occupy the clinic with desire: expansions, implications and possible imaginations**

**Abstract:** Based on the thoughts, affections, and aestheticized narratives, this chapter is dedicated to expanding contemporary clinical modes based on the discipline "Elements for a Decolonial Micropolitics in Psychology", taken in the fall of 2018. By occupying the clinic with desire, - to narrate and performate ourselves with the devires of contemporary psychologies in an affective implication with the teacher and with the class from which we have created this writing; based on the political implication between the privileged displacements of the academy and the statements that broaden insurgent and inappropriate clinics.

**Key words:** Psychology; Clinics; Occupy.



\* FÁBIO HENRIQUE MARTINS DA SILVA é Psicólogo e Mestre Psicologia pela UNESP Assis/SP e atua como clínico na OCCA Ocupação Clínica Comunitária Ampliada em Assis/SP.

## 1. A produção desejante nas micropolíticas

A respeito de produções bibliográficas, o desejo encontrou-se demasiadamente analisado em pesquisas em Psicologia, principalmente pautadas na dinâmica do Ego, durante o século XIX e conseqüentemente recaiu sobre o século XX as reminiscências estruturais de tais teorias. As colaborações das teorias pós estruturalistas (Deleuze, Guattari) ameaçaram as raízes epistêmicas do desejo e possibilitaram uma incorporação do desejo a outro modo. Agora, no século XXI, nesta escrita e em nosso trabalho, incorporamos

O desejo para Guattari corresponde a um certo tipo de produção. "O desejo tem infinitas possibilidades de montagem, de criatividade, mas que também podem entrar em processos de implosão" (GUATTARI, 1996, p. 177). Ainda, Guattari propõe denominar desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistemas de valores (GUATTARI, 1996, p. 215). O desejo em qualquer dimensão que se o considere, nunca é uma energia indiferenciada, nunca é uma função de desordem. Não há universais, não há uma essência bestial do desejo. O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo (GUATTARI, 1996, p. 216).

Ainda transitando com as colaborações teóricas do pós-estruturalismo, em especial ao pensamento da filosofia da diferença, investimentos anti-edípicos favoreceram a produção bibliográfica de estudos em Psicologia que pensam a partir de uma produção desejante, que se conectam de modo que nossas próprias máquinas se engrenam

multiplamente. O que Deleuze e Guattari (2010) ampliam sob as antigas formas de análise do desejo é que "há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões" (p. 11).

Estas produções teóricas que dispõe de uma analítica do desejo, ou ainda, da máquina desejante, em nossas práticas cotidianas ampliam circuitos e conexões contemporâneas com modos de intervenção reais nas redes de assistência a saúde, redes de expressões estéticas e culturais, redes de articulação política entre ativistas de causas e problemáticas sociais, todas estas ligadas ao desejo e ao modo qual ocupamos nosso lugar desejante nas operações maquínicas, no Capital Mundial Integrado, nos Sistemas Informáticos, nas macroEngrenagens.

Ao participar da disciplina ministrada pelo meu querido companheiro de luta, o Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Rafael Siqueira, um amigo que, muitas vezes, lembro de apresentar-se enquanto performer, professor, ativista e pesquisador, não deixando quase nunca a ameaça de seus títulos definirem nossas relações, me aproximou ainda mais dos nossos graus de parentagem e me jogou numa conexão com campos que definitivamente também alinhavam outros lugares, outras entradas de circuito no meu corpo, pois a intenção principal daqueles preciosos períodos de discussão eram sobre *como produzir outros possíveis (micropolíticos?) que nos desloquem do lugar onde estamos? Seja que lugar for este, como abrir espaços nos muros do CISTema? Como podemos contribuir para não reproduzirmos mais os epistemicídios colonialistas?*

Remexido pela violência provocada pela proposta epistêmica da disciplina,

ainda mais para aquele acostumado por aulas totalmente colonizatórias, típicas salas enfileiradas, das quais entro mudo e saio calado, permiti-me invadir de afetações e conhecimentos potentes de transmissão política em prática em Psicologia. Ficamos em roda e darmos espaços para trocas de falas e pensamentos em mim remexeu e ainda remexe, e foi dali que averigui as possibilidades de uma escrita que me deslocasse do lugar em que eu estava: o de um aluno branco, mestrando, cursando durante o dia uma disciplina privilegiadíssima para meu projeto em pesquisa, o famoso detestável e criticável lugar do pesquisador da área de humanas.

Fiz-me absorver outros devires, recusei e me recuso definitivamente não quero responder ao meu colega do lugar deste homem branco privilegiado. Não, não devo! Deste modo estarei eu cometendo meu próprio epistemicídio, não estaria sendo sincero sem antes me desbloquear deste lugar que eu estive, do confortável lugar imaginado dentro de um CISTema, da imagem de um jovem branco de uma camada cega para os desvios e vulnerabilidades. Devo desviar, fugir, criar um anti-pesquisador, um devir-outro, uma sensibilidade outra, provocada pelo querido Rafael, ao nos deliciar com a sua culinária, um pouco a mais de seus saberes e sabores. Quero a libertação dele, libertação epistêmica para conhecer em mim outros possíveis micropolíticos, que realmente me desbloqueie do lugar branco do pesquisador, do mestrando que deve entregar resultado da discussão, do meu próprio silenciamento subalterno.

No desafio em criar libertações ao corpo encerrado no assujeitado processo de ser pesquisador, tornou-me possível analisar a produção desejante neste espaço que ocupo e ocupei durante toda

a pesquisa do meu mestrado. Desta forma, algumas perguntas começaram a aparecer para desdobrar respostas às perguntas feitas a mim, enquanto acadêmico, psicólogo e ativista político.

Respondo perguntando, quais montagens e desmontagens possíveis para me afastar do meu próprio epistemicídio? Como montar e remontar engrenagens para um desejo subalternizado? Se não tenho outro lugar, senão este, o de produzir e transmitir saberes e conhecimentos sobre Psicologia e seus processos de subjetividade, haveriam outros modos para se ocupar este lugar? Onde estaria minha própria produção desejante? Localizada em quais circuitos micropolíticos?

Acredito que foi isto que, a princípio, provocou em mim uma resposta possível a investigação ecológica ao que Rafael me provocou. Digo ecológica, pois não só filosófica, epistêmica, analítica, política, mas de investigação de um ser vivo num meio orgânico, de um processo de readaptações e metamorfoses, de sinceras relações recíprocas.

A dimensão ecológica sobre meu desejo teve seus pés fincados na clínica. Este foi um processo ético que aos poucos foi-me permitido perceber - até então não haviam permissões nem sequer para me encorajar ampliar práticas que não fossem a do lugar de pesquisador sobre o desejo, mas agora, ressensibilizado pela disciplina e pelas colaborações dos colegas pesquisadores em suas diversas práticas, piso em uma consistente superfície/plataforma para desenvolver pensamentos sobre minha implicação clínica e minhas práticas de resistência dentro deste campo.

Permitir pensamentos sobre ampliações clínicas me colocou num circuito que

fez desenvolver tecnologias sobre modos de pesquisar e de ocupar um lugar com meu corpo, que responde e performa minha micropolítica contemporânea e é por aqui que quero falar destas engrenagens do desejo, da produção desejante de uma micropolítica implicada com um projeto social, na prestação de serviços e aplicação de práticas coletivas que, em minha realidade, abrem muros no SIStema. Não porque simplesmente reinventam contra a mola, mas porque pensamos o desejo como produção de algo, como uma forma de ocupar territórios e afirmar políticas e pode ser entre a diversos segmentos micropolíticos, como aqui desejo apresentar como um modo de colaborar na materialidade desta produção coletiva da disciplina “Elementos para uma micropolítica Decolonial em Psicologia”.

## **2. Clínica ampliada em Psicologia: das rodas às redes.**

*Elementos para uma micropolítica Decolonial em Psicologia* são ideias que montam e remontam as engrenagens de uma ampliação clínica da qual venho permitindo dedicar-me. A partilha com os colegas durante nossas aulas faziam, a cada período, germinar pensamentos sobre minhas práticas, meus modos de movimentar territórios que estou inserido e ser movimentado por eles. No território acadêmico, encontrava-se inapropriado meu desejo de ver as mudanças acontecerem, uma tristeza ligada a um saudosismo de tempos que fomos mais potentes e nos encontrávamos em rodas constantes dentro da universidade para diversas práticas, incluindo entre elas fazer os ‘vários nadas’ como chamam hoje os jovens da graduação, entediados com a liquidez e diluição dos eventos políticos.

Ocorreu em mim a necessidade de estar próximo a rodas de conversas e práticas coletivas para conectar-me a uma rede de movimentação micropolítica, na qual estivemos debatendo e criando políticas embasadas na realidade social e no contexto de desmonte para muitos acessos públicos, sejam eles por meio da pesquisa, do SUS, da Clínica, das ações afirmativas dos programas de pós graduação. Uma movimentação do lugar aluno-pesquisador, para uma plataforma de clínico-ativista-pesquisador, da qual pode pertencer e da qual as transmissões reais de transformações performaram minhas intensões neste artigo sobre o que pode levar a ocupar a clínica com o desejo e suas implicações.

Enquanto pesquisador na área de Psicologia no meu mestrado acadêmico, pude ampliar meus dispositivos de análise, por meio de uma analítica diagramada do desejo no contemporâneo. Isto me possibilitou a princípio uma sensibilização afetiva com o campo clínico, voltado com a escuta, o olhar e a fala, para que agora pudesse assinalar um compromisso que me desloca a partir de elementos deconiais.

Atualmente, enquanto escrevo desta produção desejante amparada nas discussões em grupo e articulado entre meus projetos de vida coletiva e política, reconheço que as rodas das quais participo ampliam e atualizam meu consultório nômade, próxima á clínica de minha colega Flávia Carvalhaes, denominou de “clínica extramuros que rasgam campos de experimentações em fissuras no CIStema e que articulam aos múltiplos modos de viver”. Esta clínica é certamente composta de elementos micropolíticos para uma Psicologia Decolonial e está nomadizando o

consultório para circular entre outros espaços e afetações do desejo. É neste circuito que monto e remonto minhas possibilidades, reconhecendo uma multiplicidade concetiva para atualizar minhas transmissões ético políticas do meu desejo.

Abrimos espaços entre os muros do CISTema para produzir de nosso desejo inicial na roda de trocas durante a disciplina e dela evocamos uma rede de aliados que disparam diversas conexões com saberes localizados e transmissões situadas a partir das práticas coletivas entre psicólogas e psicólogos inseridos no processo de trans-formações em circuito entre Psicologia, Política, Psicologia Política, Psicologia Social, Sociologia, Arte, Estética, Ética, Cibernética, Feminismos, PósColoneidade, Decoloneidade, Saúde Pública, Saúde Mental, Saúde Coletiva, Saúde do Idoso, Saúde do Indígena, Música, Terapias Integrativas, entre outros diversos cabos e linhas de conexão entre saberes nas práticas coletivas e nas práticas de si no contemporâneo. Ao participar do circuito que envolve o processo de transformações em psicologia, dialogamos entre a multiplicidade dos saberes sobre o corpo, dentre as colaborações de análises sobre os modos desejanter e sobre nossas estratégias micropolíticas.

Ao ampliar a clínica entre as análises políticas sociais, consideramos um lugar ético para escutas, olhares e falas de camadas marginalizadas e a produção desejanter. Por fim, ao afirmarmos elementos micropolíticos em Psicologia decolonial no contemporâneo, consideramos ainda a prática de diversas e múltiplas atividades, intervenções, settings, atendimentos terapêuticos, *per formando* os devires das psicologias contemporâneas.

### 3. Performando os devires das psicologias contemporâneas.

O deslocamento incitado nos dias em que cursamos a disciplina, favoreceu uma constituição de corpo implicado na realidade social e os problemas encontrados entre as desigualdades e os corpos inapropriados para o CISTema normativo e integrado capitalisticamente. A compreensão que podemos atingir de nossa analítica corresponde em parte a um entendimento de sistema-mundo, partindo de um pensamento de fronteira, como uma resposta transmoderna decolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica, ressaltada por Grosfoguel (2008) e da qual Guimarães (2017), em 'Por uma psicologia decolonial: (des)localizando conceitos', nos apresenta como possibilidade de ação para a Psicologia (Social) decolonial. Guimarães (2017) nos inflama com a prática em Psicologia decolonial:

Porque, ao invés de separar-se do modelo econômico, indo ao encontro de um modelo psicológico, mas sem contudo, buscar uma revolução desde uma superação da luta de classes, mas do entendimento sobre um sistema-mundo que nos atravessa, é uma possibilidade de ação para a psicologia (social) decolonial. Isso, porque engloba entendimentos sobre governabilidades das questões psi e as ultrapassa para a construção de um modo de saber/fazer/ser num sentido de resistência a um sistema-mundo complexo e amplo, que nos exige a construção de um conhecimento outro, desde nosso lugar de colonizados." (p. 273)

Deste modo, o assujeitamento de servidão e de dominação tornaram-se sintomas sociais que acompanhamos com corpo clínico e como modo de

visualizar a colonização dos saberes, as rupturas, deslocamentos e fugas que dão linhas de conexão acompanhada das narrativas e de posicionamentos políticos em jogo, dando-nos assim, a chance de construir um conhecimento outro, desde lugar da produção do saber.

Lazzarato (2014), ao falar da obra de Guattari, diz sobre a questão fundamental que atravessa nossa produção epistêmica; de uma dada possibilidade revolucionária que pode sempre ser localizada a partir de uma ‘impossibilidade que ela torna real’, e pelo fato de que um processo se desencadeia secretando outros sistemas de interferências, exatamente ali onde o mundo se achava fechado. Como em toda criação, não importa se artística, científica ou social, a suspensão do curso habitual das coisas afeta antes de tudo a subjetividade, “as formas de expressão ao criar as condições para uma nova subjetivação, cujo processos devem ser problematizados” (LAZZARATO, 2014, p. 23).

Consideramos uma dada possibilidade revolucionária, o fato de que ao ocuparmos a clínica com elementos de nosso desejo político ampliamos e realizamos políticas e nos aproximamos outros sistemas de interferências e de rupturas com as impossibilidades que tentavam nos dominar.

O inapropriado desejo colocado em políticas de revolução molar/molecular corresponde a análise de uma metodologia do oprimido proposta por Sandoval (2004), que a partir das tecnologias por ela utilizadas nos incorpora movimentos outros, na ampliação da clínica de práticas em Psicologia. Do desmonte das políticas sociais às sentenças criminalizadas dos corpos que participam de políticas que afirmam, encontramos na metodologia

dos oprimidos o feminismo ciborgue como forma convergente de estratégia para análise metodológica (SANDOVAL, 2004) de nossa considerada cidadania do tipo ciborgue ao passo que ampliamos visões e signos próprios e localizados.

#### **4. De dentro da clínica social aos encontros com os inapropriados.**

Escrevo ao meu amigo Rafael, escrevo aos meus colegas que participaram desta disciplina, escrevo a quem desejar ler, sabendo de que isto não tem haver com a nota, mas com o desejo que queremos trocar. E preciso trocar com outros colegas como tem sido este processo de ocupar a clínica e propor a clínica social para populações de baixa renda, famílias carentes, estudantes com dificuldades socioeconômicas e camadas menos privilegiadas de acesso a terapia e análise. Eu me perguntava sempre, será possível oferecer ao desejo alguma dimensão mais material que não apenas escrever, mas provocar outras afetações? Estava na verdade me perguntando como ampliar minha linguagem clínica, que não cabe apenas no português, mas que foi calada, morta e sepultada com minhas antepassadas e meus ancestrais e que ainda insistem em se conectar. Uma linguagem de desejo que quero evocar sempre mais e mais entre meus colegas e nossas práticas coletivas, e não está de modo algum encerrada nesta sala arejada, com poltronas e sofás, que arranjei para acolher no fundo de minha casa para as escutas do meu consultório clínico, mas está nas oficinas, práticas, conversas e rodas que nossos coletivos propõe. É ali que encontro e transito com os inapropriados. Não sei se haverá tempo de desejarem *fazer minha clínica*<sup>1</sup> para

<sup>1</sup> Modo de provocar ruptura a uma frequente determinação do mercado de trabalho, no qual o consultório aparece como forma reservada

juntos analisar como uma prática mais reservada ao consultório, mas levo meu consultório às rodas e às redes de transmissões ampliadas dos desejos locais e insurgentes de uma população que vive em mundos danificados pelo fascismo, pela homofobia, pelo racismo, pelo livre-comércio e que resgatam ética, estética e politicamente novos paradigmas para minha clínica contemporânea e para a ampliação de meus devires epistêmicos.

### Considerações finais

Organizo minhas considerações finais, trazendo um pouco do que tenho procurado em minha rede na possibilidade de atuar a favor de uma produção desejante de clínica para os inapropriados, daqueles que por motivos de classe, gênero e raça estão afastados das políticas de uma psicologia clínica e social e faço dos meus esforços para nomadizar até eles nossas ampliações técnicas e políticas, quando não, deles mesmos os inapropriados é com quem criamos lutas e ativismos políticos para nosso desejo.

No artigo publicado na rede social do Facebook, intitulado 'Dia da psicóloga(o) vamos falar de psicologia gourmet', na página ESQUIZA GRAFIAS, um circuito de pensamentos ajudou a posicionar na clínica social que invisto as implicações urgentes para minha atuação. Considero que venho observando como o artigo propõe as ditas psicologias gourmetizadas nas quais o próprio texto ironiza as conceituando como aquelas de:

... discussões sobre caixinhas, rótulos e práticas reducionistas viram meras repetições de um

apenas aos que podem pagar, mesmo que em forma de prestígio ao nome do psicólogo, ao reconhecimento de tempo e experiência na área e a autoridade que se torna por seguir e se associar a escolas teóricas aplicadas no setting.

hino/oração que nos obriga a cantar/repetir sem nem entender/praticar a letra. E assim vamos reproduzindo psicologias gourmet com suas dietas mentais, seus detox comportamentais sem se questionar a implicação ético-política de nossa profissão. (ESQUIZA GRAFIAS, 2018).

A implicação ético política ocorre na medida em que ocupo com minha produção de desejo coletivizado e atualizado pelas redes e rodas de informação e transmissão molar e molecular incorporada no campo social no qual atuo e localizo minhas atividades. Se agora estou me dedicando a uma clínica social para jovens e adultos de baixa renda entendo como uma estratégia política e também coletiva de colaborar com cenários danificados de elementos de uma Psicologia dura e rotuladora de modos no CISTema, como também serve de espaço de ativismo e ampliação de elementos decolonias que evocam libertações de nossas subalternidades e permitem nos aproximar de posicionamento afirmativo na rede de inapropriadas e inapropriados. Ainda no artigo publicado sobre a clínica na contemporaneidade da página ESQUIZA GRAFIAS colaboram com este circuito o seguinte posicionamento:

Acredito numa Psicologia de **implicação política**, que tem compromisso social e interfere diante das questões que afetam a sociedade e produzem sofrimento, segregação, violência e morte de maneira velada ou direta. Afinal, dissociar elementos sociais, econômicos, políticos, culturais da produção dos processos de saúde e de sofrimento é uma das questões mais ultrapassadas (no entanto, ainda muito comuns). Na Contemporaneidade, me é difícil crer numa Psicologia que se volta

apenas para elementos individualizantes, intrapsíquicos de um questionável “sujeito psicológico” e negligencia todos os outros vetores que atravessam a produção de subjetividades. Quando o plano político passa a interferir na qualidade da educação, da saúde, dos direitos humanos deixa de ser um território meramente partidário e passa a ser um compromisso com a cidadania, com a sociedade. E se esconder atrás de uma neutralidade (que não passa de um mito) é subterfúgio para endossar discurso de opressor. Não há neutralidade, quando você se furta de posicionar já está do lado do poder dominante!

Na intenção de deslocar do lugar em que estive, o do pesquisador branco e privilegiado, germinei entre os colegas e o querido professor Rafael a possibilidade de deslocar o lugar acadêmico que ocupo para dele me performar e passar a ocupar como clínico-ativista-pesquisador. As reflexões e estudos sobre os elementos micropolíticos em Psicologia decolonial, me exigiram a construção de um pensamento outro, pensamento este que reconheceu a micropolítica envolvida entre minhas práticas e atividades clínicas.

As rodas que acontecem em diversos espaços analíticos, artísticos, políticos, culturais, favorecem a ampliação da clínica e nomadizam meu consultório que não está determinado a uma escola específica, mas engrena a produção de desejo de políticas afirmativas em nossos territórios. Foi em decorrência desta disciplina que pude investir mais atividades na comissão de implementação de cotas no programa do qual participo, trocamos circuito em rodas microconectadas entre coletivos, estudantes, professores e alunos de graduação. De qualquer modo, deslocar

e nomadizar o que até então permitia ocupar enquanto projeto clínico foi uma experiência de sensibilização a questões ligadas a nossa própria conjuntura política e socioeconômica, resultando em alicerçar meus pés na clínica social dedicadas a me posicionar como profissional articulado entre as atividades das camadas economicamente menos favorecidas, dos pobres e sobreviventes do CISTema integrado do capital, das pretas e pretos, da luta dos povos originários, das populações travestis, dos que sofrem violência de gênero, dos ex-presidiários, e de todas e todos que estão nas fissuras sociais e operam minha produção desejante a estar cada vez mais localizada nas performances e transformações estéticas e sociais que dedicamos traçar e vasculhar com caminhos mais largos depois de habitarmos o coletivo desta disciplina.

Das imaginações possíveis para o desejo em ocupar a clínica com os elementos decoloniais, alcanço com meus colegas superfícies de deslocamento entre muros e realidades coletivas e micropolíticas de circuito intenso e ativo de política e ação afirmativa para os inapropriados. Imagino e desejo a pluralidade inventiva para recriarmos e ampliarmos os elementos clínicos estimulados por modos de performarmos nossas atividades dentro do campo da psicologia. Imagino reinventar assim como vivenciei na disciplina outros sabores para consultórios insossos e normatizantes do CISTema, imagino para nosso desejo alimentar a famigerada camada da qual estou inserido, na qual as políticas de desmonte não colaboram para continuarmos com settings caros e longe das micropolíticas que afetam os corpos. Imagino rodas e mais rodas que giram, como as de capoeira que

ocorrem aqui no meu quintal com meu colega e companheiro de luta o educador Rafael Miranda, famoso Irajá, nela circulam transmissões de culturas que invadem as paredes que esperam resguardar as confidências entre as análises e psicoterapias do consultório que articulamos aqui no mesmo quintal, para que por meio dele haja espaços e redes de apoio à corpos que desejam entre engrenagens não colonizatórias a libertação das amarras do CISTema e ampliam dispositivos vivos e orgânicos para a elétrica contingência dos insurgentes e inapropriados.

#### Referências

**Arendt, R. Moraes, M.; Tsallis, A.** (2011) Por uma psicologia não moderna: O pesquisarCOM como prática meso-política. In: Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 15.

**Camargo, A. C.** (2011) Feliz Guattari: O capitalismo mundial integrado. Anais do VII Seminário de pós-graduação em Filosofia UFSCar. Disponível em [http://www.ufscar.br/~sempgfil/wpcontent/uploads/2012/05/andrecamargo.pdf] Acesso em 20 de Julho de 2018.

**Deligny, F.** (2009) Permitir, trazar, ver. Barcelona: MACBA, 2009. Despret, V. (2011) Leitura etnopsicológica do segredo. Fractal: Revista de Psicologia, v.23, n.1, 2011. pp.5-28

**Despret, V.** (2011) Os dispositivos experimentais. Fractal: Revista de Psicologia, v.23, n.1, 2011. pp.43-58

**Esquiza Grafias.** (2018). Dia da Psicóloga(o): vamos conversar sobre as Psicologias Gourmet. Nota publicada em Rede social, disponível em. Acesso em 26 de agosto de 2018.

**Guattari, F.** (1981) Revolução molecular. Pulsações políticas do desejo. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense.

**Guattari, F.** (2013) Líneas de fuga: por otro mundo de posibles. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, Ag.

**Guattari, F., & Rolnik, S.** (1996). Micropolítica. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes.

**Guimarães, R. S. de.** (2017). Por uma Psicologia decolonial: (des) localizando conceitos. In E. F. Rasera, & M. de S. Pereira, & D. Galindo (Orgs.), Democracia participativa, estado e laicidade: Psicologia Social e enfrentamentos em tempos de exceção. Porto Alegre: Abrapso Editora.

**Gumiero, G. B.** (2015) Nas entranhas da máquina capitalista: entre sujeição social e servidão maquínica. 2015. 110f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas Não escreva nada aqui e não apague.

**Haraway, D.** (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu (5) pp. 07-41

**Haraway, D.** (2009) Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (org.). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica.

**Haraway, D.** [21 de agosto, 2014]. Entrevista concedida a Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski. Exibida no Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra, 18 de setembro, 2014.

**Lazzarato, M.** (2014). Signos, máquinas, subjetividades. São Paulo; Helsinque: n-1 edições.

**Passos, E.** (2007) Quando o grupo é a afirmação de um paradoxo. In: BARRROS, R.B. Grupo: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, p. 11-19.

**Rolnik, S.** (2011). Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina.

**Sandoval, C.** (2004). Nuevas ciencias. Feminismo cyborg y metodología de los oprimidos. In R. M. Ronco, & H. R. F. Sancho, & A. S. Rufo, & M. S. Gimenez (Trad.), Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras. Madrid: Traficantes de sueños.

**Spivak, G. C.** (2010). Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG.

Recebido em 2019-06-04  
Publicado em 2019-07-04